

Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo

Self medication among medical students: analysis of variable related

Thaís do Amaral Tognoli¹ , Vinicius de Oliveira Tavares¹ , Ana Paula Domingos Ramos² , Fernando Batigália³ , José Maria Pereira de Godoy³ , Rogério Rodrigo Ramos^{4,5} 

1. Discente do curso de Medicina pela Universidade Brasil (UB), Fernandópolis, SP, Brasil. 2. Discente do curso de Pedagogia pela Universidade Brasil (UB), Fernandópolis, SP, Brasil. 3. Professor Doutor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP-SP), São José do Rio Preto, SP, Brasil. 4. Professor Doutor da Universidade Brasil (UB), Fernandópolis, SP, Brasil. 5. Professor Doutor do Centro Universitário de Jales (UNIJALES), Jales, SP, Brasil.

Resumo

Objetivo: buscou-se investigar a automedicação por acadêmicos de curso de graduação em Medicina de instituição privada e analisar possíveis variáveis relacionadas. **Métodos:** trata-se de um estudo transversal realizado com 320 discentes dos quatro primeiros anos do curso de Medicina da Universidade Brasil, campus Fernandópolis-SP. Foi aplicado questionário validado com variáveis sociais e de consumo de medicamentos, seguido de análise estatística por regressão linear simples. **Resultado:** como resultado, a automedicação foi considerada uma opção em 309 dos participantes, a maioria deles do sexo feminino, idade entre 21 a 23 anos, solteiros, sem curso superior prévio, com convênio médico e conscientes de eventuais riscos à Saúde, mesmo após acesso a bulas ou a pesquisas on-line. O quadro clínico precedente à automedicação incluiu, principalmente, cefaleia e mialgia. Houve preferência por fármacos anteriormente utilizados com consumo médio (por 1 a 2 dias), principalmente de analgésicos e anti-inflamatórios. Estar mais próximo ao término do curso ($p = 0,006$) e possuir convênio médico ($p = 0,046$) se relacionaram com automedicação. **Conclusão:** o hábito da automedicação aumenta, gradativamente, ao decorrer da graduação, com isso, sugere-se implementação de proposta pedagógica educativa sobre esse assunto em grade curricular de cursos de Medicina.

Palavras-chave: Automedicação. Estudantes. Prescrição. Ciências da Saúde.

Abstract

Objective: we sought to investigate self-medication by Medicine undergraduated students in a private institution of Medicine and to examine possible related variables. **Methods:** it is a cross-sectional study conducted with 320 students of the first four years of medical school at Universidade Brasil, Fernandópolis-SP campus. Validated questionnaire was applied taking into account social variables and medicine consumption, being followed by statistical analysis with simple linear regression. **Results:** as a result, self-medication was considered an option to 309 of the participants, the majority of women, aged 21-23 years old, single, without higher education, with health insurance and aware of possible risks to health even after access to bulls or online research. Clinical symptoms prior to self-medication included headache and myalgia. There was a preference for drugs previously used with an average consumption (from 1 to 2 days), especially analgesics and anti-inflammatories. It was verified that being related to self-medication was more likely to happen among those students closer to the end of the course ($p = 0.006$) and to those who have health insurance ($p = 0.046$). **Conclusion:** the habit of self-medication gradually increases over the undergraduation, therefore, it is suggested to implement an educational pedagogical proposal on this subject in medical school curriculum.

Key words: Self medication. Students. Prescriptions. Health Sciences.

INTRODUÇÃO

A automedicação consiste em uso de medicamentos por conta própria ou indicados por pessoas não legalmente habilitadas para os prescrever¹⁻³.

Os estudos que envolvem a automedicação em graduandos das ciências da saúde possuem a expectativa de que estes tenham uma atitude condizente com a sua formação profissional e sua prática diária, estejam preparados para orientar sobre o uso racional de medicamentos, bem como realizem a prática correta. Diante disso, estudos sobre o exercício da automedicação podem conceder o reconhecimento de que há necessidade de educação e a implantação de intervenções educativas ainda na graduação. Segundo a literatura, apesar

de os acadêmicos terem autoatenção à saúde, fracassam por fazerem o uso inadequado do fármaco⁴.

Tem sido estudada em diversos países da América, Ásia ou Europa, embora grande parte desses ensaios não aborde, especificamente, acadêmicos de cursos de graduação da área médica⁵. Sendo assim, o alvo da pesquisa foi investigar a conduta dos estudantes de medicina da Universidade Brasil, em relação à automedicação durante o período de formação.

MÉTODOS

Essa pesquisa foi constituída por um estudo epidemiológico do

Correspondência: Rogério Rodrigo Ramos. Estrada Projetada F1, s/n, Faz. Sta Rita, 15613-899, (17)3465-4200, rogerio.ramos@universidadebrasil.edu.br

Conflito de interesse: Não há conflito de interesse por parte de qualquer um dos autores.

Recebido: 7 Mar 2019; Revisado: 9 Ago 2019; 3 Set 2019; Aceito: 4 Set 2019

tipo transversal que foi conduzido de fevereiro a junho de 2018.

Critérios de inclusão englobaram alunos matriculados da primeira a quarta séries (ano) do curso com a respectiva obtenção da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com exclusão daqueles que se recusaram a participar ou em uso de medicação por receita médica.

Houve a aplicação de um questionário de múltipla escolha em sala de aula, composto por 14 itens, adaptado de Servidoni⁶, a constituir estudo epidemiológico do tipo transversal. Foram consideradas no questionário: 1sexo, 2idade, 3qual série do curso, 4curso superior prévio, 5estado civil, 6pagamento de plano de saúde privado, utilização de automedicação e detalhes associados (7uso de medicamento sem prescrição médica, 8adoção de prescrições médicas, 9frequência de uso, 10porque realizou automedicação, 11busca antecipada por esclarecimentos, 12consciência de riscos à Saúde, 13tipos de medicamentos e 14quadro clínico precedente), realizado no período de fevereiro a junho de 2018.

A amostra estudada envolveu 320 discentes do primeiro ao

quarto ano da graduação de medicina da Universidade Brasil, Campus Fernandópolis-SP, sendo 80 alunos do primeiro ano, 80 do segundo ano, 80 do terceiro ano e 80 do quarto ano.

A análise dos dados foi efetivada por estatística descritiva e inferencial, com valores de $p < 0,05$ e aplicação de regressão linear simples pelo programa IBM Software SPSS Statistics versão 23.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Brasil (protocolo 2.454.574/CEP/UnBr).

RESULTADOS

Foram analisadas as características epidemiológicas dos 320 discentes do curso de Medicina, participantes de aplicação de questionário sobre automedicação; 139 (43,44%) apresentavam idade entre 21 e 23 anos; 209 (65,31%) eram do sexo feminino; 281 (87,81%) não possuíam curso superior prévio; 211 (65,94%) eram solteiros e 219 (68,44%) quitavam plano de saúde privado mensal, conforme ilustra tabela 1.

Tabela 1. Características epidemiológicas de discentes de curso de Medicina (valores absolutos e relativos).

Características	Alunos	N	%
Sexo	Feminino	209	65,31
	Masculino	111	34,69
Idade	Entre 18 e 20 anos	95	29,69
	Entre 21 e 23 anos	139	43,44
	Entre 24 e 40 anos	86	26,88
Curso Superior Prévio	Inexistente	281	87,81
	Em outra área da Saúde	26	8,13
	Em outras profissões	13	4,06
Estado Civil	Solteiro	211	65,94
	Casado	109	34,06
Convênio Médico	Sim	219	68,44
	Não	101	31,56

A automedicação foi constatada em 309 (96,56%) dos participantes; destes, 110 (34,37%) tinham consciência da necessidade de receituário médico, porém não o fizeram para os medicamentos elegidos, e 199 (62,19%) usavam medicamentos que não exigiam prescrição; já 11 (3,44%) não utilizavam medicamentos sem consulta e prescrição médica.

Quanto à adoção de prescrições médicas, 91 (29,45%) não recorreram a prescrições médicas anteriormente utilizadas ao se automedicar, 165 (53,40%) o fizeram e 53 (17,15%) as obtiveram de outras pessoas.

Conforme evidencia o gráfico 1, referente à frequência média de automedicação durante 1 a 2 dias, na primeira série, 14 acadêmicos (17,5%) consumiram quatro medicamentos ao ano; e da segunda à quarta séries, de 8 a 10 medicamentos ao ano, sendo 27 alunos (33,75%) na segunda série, 25 (31,25%) na

terceira e 43 (53,75%) na quarta série.

Dos 309 participantes, 212 (68,61%) acreditavam não haver necessidade de indicação médica para os fármacos escolhidos; e ainda, 131 (42,40%) adquiriram informações adicionais em bula, 68 (22%) em Internet, 55 (17,80%) em profissionais de Saúde, 43 (13,92%) em familiares ou amigos e 12 (3,88%) nunca procuraram por informações adicionais dos medicamentos utilizados. Ademais, 304 participantes (98,38%) acreditavam que automedicação proporciona eventuais riscos à Saúde.

Em relação ao tipo de medicamento escolhido para uso, foram mais prevalentes analgésicos em 229 alunos (11,75%), anti-inflamatórios em 209 (10,87%), antigripais em 197 (10,24%), relaxantes musculares em 168 (8,74%) e antitérmicos em 145 (7,54%), segundo ilustra o gráfico 2.

Gráfico 1. Frequência média de automedicação por acadêmicos da primeira à quarta séries médicas.

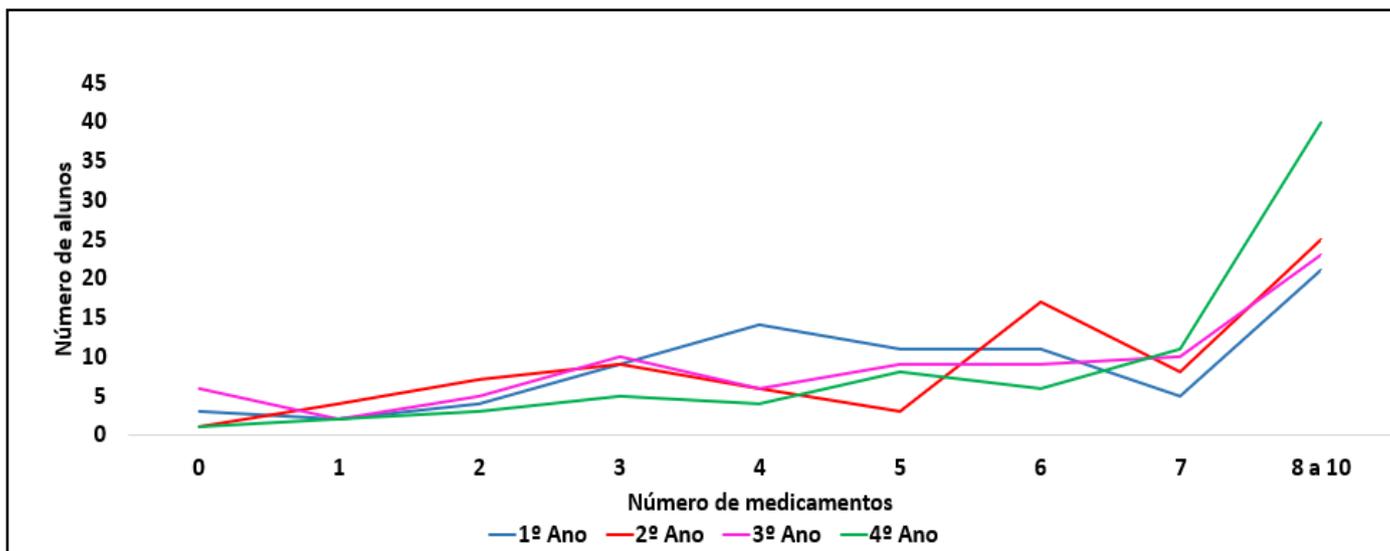
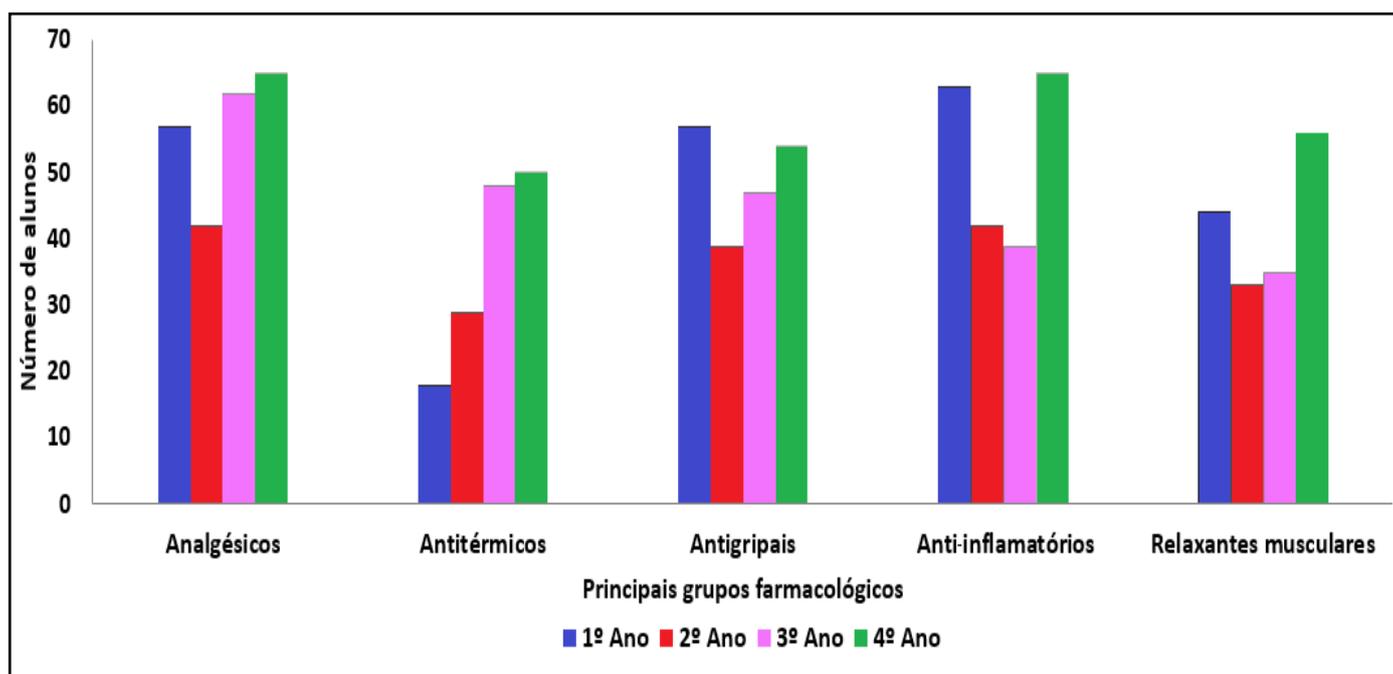


Gráfico 2. Tipos de fármacos preferidos para automedicação por acadêmicos da primeira à quarta séries.



O quadro clínico precedente à automedicação incluiu cefaleia em 259 discentes (83,82%), mialgia em 238 (77,02%), resfriado comum em 213 (68,93%), epigastralgia em 194 (62,78%) e febre em 189 (61,16%).

A análise estatística por regressão linear simples demonstrou não haver significância estatística de associação em relação a sexo, idade, curso superior prévio e estado civil. Estar mais próximo ao término do curso ($p=0,006$) e possuir convênio médico ($p=0,046$) se relacionaram, significativamente, com automedicação. Acadêmicos participantes não puderam inferir, com certeza, sobre efeitos clínicos (benéficos ou desfavoráveis)

em curto prazo.

DISCUSSÃO

Objetivou-se analisar variáveis correlatas em acadêmicos de Medicina que se submeteram à automedicação. Nesse contexto, não houve significância estatística de associação em relação a sexo, idade, curso superior prévio ou estado civil. Entretanto, outros estudos evidenciam que solteiras entre 21 e 30 anos tendem mais frequentemente a se automedicar^{7,8}.

A maioria dos acadêmicos de Medicina que utilizaram fármacos

por conta própria possuía convênio médico (tabela 1), o que vem de encontro a dados de literatura que evidenciam automedicação entre universitários médicos, inclusive por aqueles de classes sociais mais elevadas^{9,10}. A tendência se justifica, no Brasil, pela dificuldade da maior parcela da população em obter pronto atendimento pelo Sistema Único de Saúde, bem como pela carência de profissionais especializados em diversas regiões do país².

Apesar da decisão de não incluir quintas séries médicas no estudo pela dificuldade de contato, em virtude de carga horária cumprida em plantões, centro cirúrgico, unidades básicas de saúde ou prontos-socorros, a análise estatística demonstrou que estar mais próximo ao término do curso de Medicina se correlaciona, positivamente, com automedicação. Essa alegação corrobora achados de outros autores, que pressupõem que aquisição gradual de conhecimento ao longo da formação e maior experiência de vida possam tornar acadêmicos mais confiantes para se automedicar⁹.

Assim como evidenciou um trabalho realizado com alunos de graduação da faculdade de medicina e ciências afins da Universidade Rajarata do Sri Lanka, identificou-se um aumento gradual do percentil de automedicação, associado com o período do curso. Nesse caso, foi analisado apenas o uso de antibióticos sem prescrição médica no mês pregresso à aplicação do questionário, em que 81 (28,42%) realizaram essa prática, sendo 14 (23%) eram da primeira série, 19 (33%) da segunda, 23 (39%) da terceira e 25 (46%) da quarta série da graduação¹¹.

Quanto ao quadro clínico preliminar que desencadeou procura por automedicação, cefaleia e mialgia também prevalecem em dados de literatura⁹.

Em relação ao tipo de medicamento escolhido para uso, foram mais prevalentes analgésicos, anti-inflamatórios, antigripais, relaxantes musculares e antitérmicos (gráfico 2). Desse modo, a situação se explica pela facilidade de aquisição sem receituário

médico, uma vez que, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)¹², não há necessidade de prescrição para os medicamentos acima considerados.

Quanto à busca antecipada por esclarecimentos adicionais antes de se caracterizar automedicação, a pesquisa revelou que a maioria dos acadêmicos (42,40%) se reportou a bulas, possivelmente devido à facilidade de acesso on-line. Entretanto, a linguagem técnica de receituários médicos pode ser complexa mesmo para discentes de Medicina, pelo risco de discrepância com outras bulas de mesmo princípio ativo e marcas diferentes¹³.

Em casos de automedicação, dose inadequada, tempo inconsequente de uso e escolha de drogas impróprias podem ocasionar ocultação de doenças em evolução, resistência microbiana ao princípio ativo, associação, piora do quadro inicial ou reações de hipersensibilidade³. Dessa forma, houve consenso (98,38%) entre os discentes que se automedicaram sobre o risco inerente ao procedimento, o que destaca a imprescindibilidade de orientações sobre o tema ao longo do curso¹⁰. Diante do exposto, existe necessidade de educação sobre o assunto ainda nos estágios de formação profissional⁵, o que torna relevante sugerir implementação de proposta pedagógica sobre automedicação em currículos de cursos de graduação em Medicina.

CONCLUSÃO

Este estudo destaca que, no curso de Medicina, é comum a automedicação entre estudantes, a qual está, principalmente, relacionada a acadêmicos que possuem convênio médico e uma maior tendência a essa prática ao avançar do período de formação.

Torna-se relevante sugerir implementação de proposta pedagógica educativa sobre automedicação em grade curricular de cursos de graduação em Medicina, com o objetivo de reduzir esse ato e capacitar profissionais cada vez mais qualificados.

REFERÊNCIAS

1. Arruda EL, Arruda RL, Souza LT, Mariano WS. Automedicação: Verificação em estudantes universitários da Universidade Federal do Tocantins – UFT Araguaína. *Ens Ciências C Biol Agrárias Saúde*. 2011; 15(6): 21-31. [acesso 2018 Mar 15]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/260/26024221002.pdf>.
2. Musial DC, Dutra JS, Becker TCA. A automedicação entre os brasileiros. *SaBios-Rev Saúde Biol*. 2007;2(2);5-8.
3. Silva RCG; Oliveira TM; Casimiro TS; Vieira KAM; Tardivo MT; Faria M Jr; et al. Automedicação em acadêmicos do curso de Medicina. *Medicina (Ribeirão Preto)*. 2012;45(1); 5-11.
4. Fontanella FG, Galato D, Remor KVT. Perfil de automedicação em universitários dos cursos da área da Saúde em uma instituição de ensino superior do sul do Brasil. *Rev Bras Farm*. 2013; 94(2); 154-60.
5. Trevisol FS, Trevisol DJ, Jung JS, Jacobowski B. Automedicação em universitários. *Rev Bras Clin Med*. 2011 Nov-Dez; 9(6): 414-17.
6. Servidoni AB, Coelho L, Navarro ML, Ávila FG, Mezzalira R. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. *Rev Bras Otorrinolaringol*. 2006 Jan-Fev; 72(1): 83-8. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-72992006000100013>.
7. Andrade CTS, Meneses JC, Rios MC, Sena PS. Avaliação dos hábitos associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Aracaju-se: A luz para o farmacêutico. *Cad. Grad Ciênc Biol Saúde*. 2012; 15(1): 19-31.
8. Aquino DS. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciênc Saúde Colet*. 2008; 13(Sup.1): 733-736. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000700023>.
9. Pilger MC, Dombrowski G, Rebelo M, Tomasi E. Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. *Rev AMRIGS*. 2016; 60(1): 26-31.
10. Galato D, Madalena J, Pereira GB. Automedicação em estudantes

universitários: a influência da área de formação. Ciênc Saúde Colet[Internet]. 2012 [acesso 2018 Mar 27]; 17(12): 3323-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/17.pdf>.

11. Rathish D, Wijerathne B, Bandara S, Piumanthi S, Senevirathna C, Jayasymana C, et al. Pharmacology education and antibiotic self-medication among medical students: a cross-sectional study. BMC Res Notes. 2017 Jul;10(1): 337. doi: 10.1186/s13104-017-2688-4.

12. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública nº 95 [Internet], de 19 de novembro de 2001. Brasília: ANVISA; 2001 [acesso 2018 Mar 21]. Disponível em: <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B2735-1-0%5D.PDF>.

13. Gama ASM, Secoli SR. Automedicação em estudantes de Enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. Rev Gaúcha Enferm. 2017; :38(1): 1-7.

How to cite this article/Como citar este artigo:

Tognoli TA, Tavares VO, Ramos APD, Batigália F, Godoy JMP, Ramos RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. J Health Biol Sci. 2019 Out-Dez; 7(4):382-386.